



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VERA LUCIA ZAMBERLAN ANGHEBEN

(depoimento)

2009

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-150

Entrevistado: Vera Lucia Zamberlan Angheben

Nascimento: 10/10/1946

Local da entrevista: Residência da entrevistada

Entrevistadores: Deise F. Santos e Rafaela Michels da Rosa

Data da entrevista: 19/10/2009

Transcrição: Rita Campos

Conferência Fidelidade: Rafaela Michels da Rosa / Grasiela Alves de Castro

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Rafaela Michels da Rosa / Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 16 minutos

Páginas Digitadas: 6

Catalogação: Luciane Silveira Soares

Registro: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02157/2010/01

Observações: Após a leitura, a entrevista alterou alguns trechos do depoimento.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

ANGHEBEN, Vera Lucia Zamberlan. *Vera Angheben (depoimento, 2009)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Envolvimento com a ginástica rítmica, com a confederação brasileira de ginástica (CBG); clubes de ginástica; competições nacionais, internacionais; nomes do esporte; situação do esporte no Brasil; visibilidade na mídia, com o público; ascensão e declínio da ginástica rítmica; o marco da modalidade; saúde física das atletas (década de 1975); lembranças do GRUGIPA.

Porto Alegre, 19 de outubro de 2009. Entrevista com Vera Lucia Zamberlan Angheben, a cargo das pesquisadoras Deise Francelle dos Santos e Rafaela Michels da Rosa, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

R.R. - Nós elaboramos algumas perguntas gerais, pois gostaríamos mesmo é de saber um pouco da tua história com a Ginástica Rítmica. Poderias contar como tu começaste teu envolvimento?

V.A. - A ginástica rítmica, na verdade, foi uma paixão à primeira vista, porque eu fazia, na época, dança, ballet. Não existia ginástica rítmica aqui no sul. A minha formação é UFRGS¹, fiz Escola de Educação Física na UFRGS. Saí de lá em 1968. E, em 1971, eu fui fazer um curso em Santos². Esses cursos que tinham - não sei se ainda tem, em Santos, para professores de Educação Física. Eram de reciclagem, de atualização, onde havia várias modalidades, como se fossem esses nossos congressos de Capão. Fui, na verdade, a convite de minha professora de dança. Ela foi fazer o curso de dança e eu fui fazer meu primeiro curso de Ginástica Rítmica que na época chamava-se ginástica moderna. A ministrante foi a professora Ilona Peuker³, húngara e, como vocês já devem ter estudado, trouxe a ginástica para o Brasil. Ela possuía um grupo de ginástica denominado “GRUGIN” (Grupo de Ginástica do Rio de Janeiro) que através dele ela difundia a modalidade pelo país. Neste curso eu vi todas as possibilidades que a ginástica pode ter e, me encantei. Nesse meio tempo, eu já trabalhava na Faculdade de Educação Física do IPA⁴ e resolvi fazer uma demonstração com todas as minhas alunas de ginástica rítmica - ginástica moderna na época - com bolas e as mãos livres. Então, aquela foi a primeira apresentação para o Rio Grande do Sul e para Porto Alegre de ginástica rítmica. Nem eu sabia que esse processo todo ia acontecer dessa forma assim. A partir daí, criei meu próprio de ginástica rítmica ao qual denominei GRUGIPA, que era o grupo de ginástica do IPA composto pelas acadêmicas da faculdade. Não existiam competições. A faculdade iniciou em 1971 e em 1972, foi a primeira apresentação de Ginástica Rítmica e a partir daí, nós começamos a fazer a massificação. Então, este grupo era chamado para levar o

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Cidade do Estado de São Paulo.

³ Ilona Peuker foi uma brilhante artista, criadora, mestra, professora e técnica de Ginástica Rítmica nascida em Budapeste, na Hungria, em 29 de julho de 1915, que veio a falecer no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, em 13 de fevereiro de 1995.

conhecimento da ginástica aos mais variados locais, escolas da capital e interior, clubes, municípios, outros estados e até o país vizinho Uruguai, enfim, estávamos sempre prontas para as nossas apresentações. Utilizávamos os aparelhos que dispúnhamos: arco, bola e fita. A massa não estava inserida ainda nesta época na Ginástica Rítmica. Seu início deu-se em 1978 no campeonato mundial. Este aparelho veio ao Brasil, em 1975, através de um curso ministrado por uma professora que era membro da FIG que tinha por tarefa ensinar os movimentos com este novo aparelho. Em 1978, foi o primeiro mundial, realizado em Londres,⁵ onde as equipes competiram em uma série de conjunto, utilizando a massa, na qual era obrigatório que doze elementos ministrados no curso estivessem contidos na referida. Nós usávamos os aparelhos que tínhamos. Havia muita dificuldade em adquiri-los pois o maior pólo de desenvolvimento e de acesso às informações e aos aparelhos era no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Nossos arcos, por exemplo, não eram como hoje de plástico. Eram de vime. Da mesma forma também a fita não era oficial. Era feita com pauzinho de cabide, uma coisa muito artesanal, mas, mesmo assim, nós continuamos com todo esse movimento. Então, de 1972 a 1976, foi feita a massificação através das demonstrações do GRUGIPA nos mais variados locais e localidades e iniciou-se efetivamente o movimento da ginástica. Foi assim que ela surgiu. Depois, em 1975, participamos da primeira competição a nível escolar, nos JEB's (Jogos Escolares Brasileiros) em Campinas, São Paulo. O campeonato já existia, mas o Rio Grande do Sul ainda não havia participado. Já em 1976, trouxemos os jogos brasileiros para Porto Alegre. Foi realizado no Colégio Anchieta e ficamos em segundo lugar. Aliás, classificação nunca mais conquistada neste tipo de campeonato. Então o GRUGIPA foi o fomentador de toda essa massificação. Em seguida os colégios começaram a trabalhar com a G R (Colégio Americano, o Colégio Anchieta, Colégio Batista, Cândido Godoy). Eram várias escolas e nós fizemos uma primeira competição sem Federação em 1974, de escolas. Mas, para isso, também precisávamos de árbitros. Então, foi dado um outro passo. Criei o primeiro curso de arbitragem já que possuía o "brevet" de árbitro nacional. Os primeiros árbitros foram todos deste movimento de massificação. Depois, formamos a Federação. Nós não tínhamos uma Federação de Ginástica Rítmica. A federação existente era a de Ginástica Artística. Então foi feita a fusão entre a Ginástica Artística e Rítmica. Porque sem uma Federação não há competição interclubes e tampouco a possibilidade de participação em competições

⁴ Instituto Porto Alegre – Rede Metodista de Educação do Sul.

⁵ Capital da Inglaterra.

internacionais. Os primeiros clubes filiados foram: o Cantegril⁶, o Lindóia⁷, o União⁸ e a Sogipa⁹. Através destes clubes iniciamos a formação de campeonatos estaduais, municipais e intermunicipais. Simultaneamente estas equipes ingressaram no circuito interclubes brasileiro e internacional, e não se parou mais. Tanto é que, em 1978, quer dizer, uma coisa rápida, aconteceu à ascendência ao mundial de 1978. Três meninas nossas foram convocadas para o campeonato mundial, fazendo parte da seleção brasileira sob o comando de Deise Barros que era do Rio de Janeiro. Tudo foi andando muito rápido Sabe que, quando se tem uma intenção forte e metas à cumprir, a coisa anda, e a Ginástica Rítmica foi cativando o gosto, principalmente, das meninas, porque não existia nada a nível de competição na época. A não ser Ginástica Artística . Tudo aconteceu assim. E hoje esta modalidade esta aí viva e linda. Não sei mais o que vocês gostariam de saber porque tem muitos detalhes, mas, a grosso modo, seria isso.

R.R. – Tu que já viu muitas mudanças nos códigos de pontuação, qual seria a sua opinião sobre essas mudanças diretamente nas coreografias e no esporte?

V.A. - Eu acho que tudo é uma questão de encararmos a evolução esportiva. Hoje em dia, o esporte de alto rendimento exige cada vez mais. Eu assisto hoje os campeonatos de ginástica rítmica, pela televisão e percebo que uma das qualidades mais exigidas da modalidade é a flexibilidade. Ela está sendo exigida muito mais do que sempre foi. A flexibilidade, elasticidade, força, os elementos acrobáticos que antes não eram permitidos, atualmente eles são exigidos. Então, eu acho que isso é a evolução dos tempos. Eu estou esperando o momento que vai poder ter na ginástica rítmica o salto mortal e o duplo-mortal que é o que está faltando. Mas eu não vejo nada de mais. Acho que isso é o resultado. Eu estou falando de esporte de alto rendimento. No entanto, na minha dissertação de mestrado que realize dentro da ESEF¹⁰ com a turma que fazia a disciplina de Ginástica Rítmica Fundamentos, diz das possibilidades que a GR propicia a quem a pratica. É uma

⁶ Clube Cantegril, localizado em Viamão/RS.

⁷ Lindóia Tênis Clube, fundado em 10 de novembro de 1955.

⁸ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

⁹ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

¹⁰ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

modalidade que, por meio da música, dos pequenos aparelhos, pela leveza, pela graça do gesto movimento, permite o desenvolvimento de uma postura corporal sadia, ter conhecimento do corpo, ou seja, uma consciência corporal efetiva. E é uma posição muito minha, nisso até, porque 25 anos eu fui técnica de ginástica rítmica. Mas se a criança não tiver consciência do seu corpinho, o que ela pode fazer, aonde ela vai colocar o pé, como ela vai girar, como ela vai saltar, ela não vai chegar a um movimento perfeito que a modalidade exige. E isto passa a ser o seu dia a dia. Nós passamos horas na frente de um computador. E a ginástica proporciona essa consciência de corpo desde que chamado a atenção para isso. Então, eu vejo duas coisas: a possibilidade sim, da inserção da ginástica rítmica dentro de um contexto motivacional para alunos, para crianças, para adolescentes, sem a conotação de competição de alto rendimento e as contenções de alto rendimento. Falando em alto rendimento, devido as inúmeras repetições do mesmo exercício, inevitavelmente a ginasta vai chegar em um determinado momento, à lesão. Não vamos dizer que a pessoa vai se lesionar, mas poderá ter, tem mais risco. Então, eu acho tem que ser bem dividida as possibilidades que esta modalidade permite em termos de escola, de academias, enfim, de alto rendimento. Não sei se eu cheguei a responder. Se era isso que tu querias!

R.R. – Sim. E, na tua opinião, qual foi o marco da ginástica rítmica no Brasil?

V.A. – O marco da ginástica rítmica é toda uma escada. Está ascendendo sempre. Acho que houve uma época que, como no Rio Grande do Sul, o Brasil todo massificou. Inclusive, havia um projeto em que participamos chamado “Brasil Ginástica Urgente”. Foi de massificação da ginástica em todo o país. Depois, por problemas políticos, esse projeto foi exterminado, mas, enfim, havia uma preocupação, que acho que agora deve estar se retornando também, a da massificação. Então, da massificação chega-se a elitização. Esta é importante mas, a massificação é fundamental.. Como eu disse antes, essas habilidades que a modalidade permite é que vai tocar o grande grupo. Mais tarde, naturalmente chegam as competições. Agora marco mesmo, foi a época em que a Deise Barros¹¹, assimilando o conhecimento de Illona Peuker e utilizando como canal os jogos escolares brasileiros e os cursos de reciclagem que ministrou permitiu que a ginástica crescesse a nível nacional.

¹¹ O Brasil participou pela primeira vez em um campeonato mundial de GR com a ginasta Daise Barros em 1971 na cidade de Copenhague, Dinamarca.

Acredito ter sido o grande salto da ginástica rítmica no Brasil. Isto ocorreu no final dos anos sessenta, década de setenta e meados de oitenta.

R.R. – Tu achas que hoje, nas condições atuais da ginástica rítmica, o Brasil tem chances na Olimpíada com a equipe e com o trabalho que tem sido feito?

V.A. - Não tenho acompanhado de perto a desempenho das ginastas atuais da seleção brasileira. Sinceramente, eu “me desliguei da ginástica como técnica” em 1990. Então, já faz algum tempo. Eu acompanho alguns técnicos aqui do sul e vejo mais os resultados. As chances existem, mas não vamos esquecer que existem países que possuem uma história dentro desta modalidade. São equipes fortíssimas com a Itália, a Alemanha, a Rússia, a Espanha, etc. Como é o nosso futebol com toda essa força e essa tradição, essas equipes também o são. Eu não saberia dizer como as meninas brasileiras se encontram neste momento em nível de preparação para as Olimpíadas. Tomara que elas consigam classificar sim, porque, potencial, a mulher brasileira, a menina brasileira, tem muito, e biótipo também. Então, vamos ver, vamos torcer para que isso aconteça. Potencial existe.

R.R. - E se elas chegarem a se classificar, na tua opinião com certeza motivaria mais as categorias de base?

V.A. - Sim, certamente. Porque a criança se espelha na categoria de cima, sempre. Os mirins no infantil, o infantil no juvenil. Quando não, uma criança do mirim se espelha numa ginasta da categoria adulta. Isso acontecia na minha época e acontecerá em todas as épocas. Percebe o fenômeno da Daiane dos Santos, o que fez com a ginástica artística. Só cresceu. E não é só por ela ter classificado, mas pela forma que ela chegou numa quadra e apresentou. Então essas possibilidades existem sim.

R.R. - Uma lembrança do GRUGIPA?

V.A. - Todas [risos]. Foram quatro anos muito intensos, conhecendo muitas pessoas. Era um grupo muito unido que trabalhava porque gostava. Treinava depois das aulas da faculdade, que eram a noite. Ninguém ganhava absolutamente nada. Nas nossas viagens recebíamos, alimentação, alojamento e transporte. O pessoal participava porque gostava.

Há uma diferença muito grande. Isso é amor à sapatilha, era o que dizíamos. Então, não tem nenhuma lembrança que seja maior, ou menor. Todas foram momentos de grande troca e de aprendizado. Foram quatro anos intensos de massificação, de um grupo que era renovado, porque as meninas iam se formando e já iam entrando outras. Foi maravilhoso. Até hoje nos reunimos para lembrar os bons tempos do GRUGIPA e das demais eras de competição. Ao lançar meu livro, muitas delas estiveram presentes e como sempre estes encontros são regados de muita alegria. Temos um relacionamento muito legal. A ginástica tem isso, essa parte da socialização, e principalmente quando se está fora da obrigatoriedade de subir no pódio que é o sonho de toda a ginasta e de sua técnica.

R.R. - Obrigada.

V.A. - À vontade e fiquem livres se quiserem outras perguntas, outras vezes, vocês que sabem.

R.R. – Eu queria agradecer a tua disponibilidade. Desde o primeiro momento se colocou à disposição, ficou super aberta. Muito obrigada.

V.A. - Sempre que precisarem, aqui estamos.

[FINAL DO DEPOIMENTO]